

LEVANTAMENTO ETNOFARMACOBOTÂNICO DE INCONFIDENTES, ALTO DO VALE DO MOGI - MG

Aurani Ribeiro da Silva; Ana C. G. DA COSTA²; Wallace R. CORRÊA³

RESUMO

Alcançou-se junto à comunidade tradicional de Inconfidentes, sul do estado de Minas Gerais, no Alto Vale do Rio Moji Guaçu, informações quanto ao uso e indicações de espécies de plantas consideradas popularmente medicinais, de biomas brasileiros ou exóticas. O público alvo foram as residentes por mais de 30 anos no local e que fazem coleta de plantas em meio às matas, florestas, jardins e hortas. Foram visitados 08 bairros rurais e o centro como fontes de amostragem, obtendo indivíduos pertencentes a 62 famílias, 128 gêneros e 155 espécies, destas, 27 foram oficialmente indicadas como medicinais pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA). As espécies das famílias Astereaceae e Lamiaceae são as mais comumente utilizadas na medicina popular daquela comunidade. Os modos de preparos são diversificados, de uso oral ou externo e com o aproveitamento de até todas as partes dos vegetais. Pode-se concluir que apesar da elevada crença, segurança e domínio dos conhecimentos demonstrados pelos raizeiros este sabe se mostrar ameaçado tanto pela degradação ambiental quanto pela falta de tempo e interesse das novas gerações.

Palavras-chave:

Etnobotânico; Plantas Medicinais; Medicina Popular.

1. INTRODUÇÃO

A importância ecológica, científica ou econômica da biodiversidade é incontestável. Muitos produtos naturais são utilizados pelo homem desde tempos remotos como agentes terapêuticos para diversas enfermidades, além de serem, também, empregados como fomentadores de novos fármacos, fitoterápicos, cosméticos e suplementos alimentares. As plantas são fontes valiosas de produtos farmacêuticos (DE LIMA DAVID et al., 2013).

Assim a etnobotânica vem realizando pesquisas com comunidades tradicionais, desenvolvendo instrumentos para avaliar os recursos vegetais utilizados nestas áreas e apontando propostas de uso sustentado das mesmas, como forma de conservar e recuperar esses ecossistemas ameaçados, bem como não perder o conhecimento adquirido mediante a relação direta dos seus membros com o meio ambiente e transmitido oralmente entre diferentes gerações (ROCHA et al., 2014; DIEGUES et al., 2008; CASTELLUCCI et al., 2000; AGRA, 1994). Esse interesse no conhecimento popular é justificado pelo fato que em muitos casos é o único recurso para tratamento da saúde que as populações rurais de países em desenvolvimento têm ao seu alcance (MACEDO et al., 2007), assim o resgate do conhecimento popular faz-se necessário.

1 IFSULDEMINAS – aurani Ribeiro@gmail.com

2 IFSULDEMINAS – anacarlagcosta23@gmail.com

3 IFSULDEMINAS – Wallace.correa@ifsuldeminas.edu.br

Desta forma este trabalho teve por objetivo realizar o levantamento etnofarmacobotânico da comunidade de Inconfidentes/MG, na bacia do Alto Mogi, a fim de contribuir para a construção do conhecimento dos saberes populares no que concerne a etnobotânica e subsidiar a etnofarmacologia.

2. MATERIAL E MÉTODOS

A cidade de Inconfidentes está localizada no sul de Minas Gerais às margens do Rio Moji Guaçu e possui uma população de 7.254 habitantes distribuídas num território de 149.611 Km², localizada às coordenadas geográficas (SIRGAS 2000): 22°19'06,82"S / 46°19'40,88"W e altitude média de 883,72 m., conforme dados da estação geodésica 93940 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2010. O clima do local é o Tropical de Altitude que favorece o bioma da Mata Atlântica de Florestas Estacional Semidecidual Submontana, consoante aos dados do Inventário Florestal de Minas Gerais (MINAS GERAIS, 2010).

A coleta de informações etnobotânicas consistiu de entrevistas semiestruturadas com base em formulários. Para definição da amostragem, utilizou-se o método de bola de neve, técnica na qual os participantes sugerem outros participantes para serem entrevistados (ALBUQUERQUE & LUCENA, 2002). Foram entrevistados 16 moradores residentes há mais de 30 anos nas localidades amostradas, perfazendo 100% dos detentores de notório saber, da etnobotânica da flora local com fins medicinais. Nessas entrevistas foram registradas as informações referentes às partes das plantas utilizadas, indicações e modo de preparo (cozimento, meceração, infusão e outros). As informações obtidas passaram a nortear as coletas.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A partir do levantamento etnomedicinal das plantas utilizadas na comunidade foram identificadas 155 espécies utilizadas como medicinais, distribuídas em 62 famílias e 128 gêneros. Das 62 famílias identificadas, as 2 famílias botânicas mais expressivas do levantamento foram Asteraceae com 20 espécies, Lamiaceae com 12 espécies, resultado também verificado em estudos que relatam a importância destas famílias como sendo as mais representativas na investigação de plantas medicinais (MAIOLI-AZEVEDO & DA FONSECA-KRUEL, 2007; MOREIRA et al., 2002), seguidas por Cucurbitaceae com 7 espécies, Rutaceae e Myrtaceae com 5 espécies e Euphorbiaceae, Phyllanthaceae, Melastomataceae, e Poaceae com 4 espécies cada.

Analisando a origem das espécies vegetais citadas no levantamento verificou-se que 65% eram nativas e 35% exóticas, destacando as espécies da mata atlântica que totalizaram 31% das espécies nativas catalogadas, fato justificado pela localização do levantamento.

Dos entrevistados 18,25% apenas eram manipuladores de plantas medicinais enquanto 81,25% (13) apenas as conheciam. Os raizeiros possuem faixa etária entre 37 e 84 anos e somente 2

são do sexo feminino. Apenas 2 passaram ou tentaram passar seus conhecimentos sobre as plantas medicinais a alguns de seus filhos ou netos, já que também aprenderam com seus pais ou avós.

Apesar do empenho em conservar a cultura do uso de plantas medicinais os resultados demonstram que o conhecimento está se perdendo. Os motivos relatados pelos entrevistados são principalmente pela falta de tempo por atividades do trabalho ou por causa de sobrecargas estudantis de netos ou pelo simples desinteresse dos filhos devido ao comodismo tecnológico (celulares, computadores e venda de fármacos sintéticos) dificultando, assim, o ensino – aprendizagem (RODRIGUES & CARVALHO, 2001).

Interessante apontar a consciência quanto ao desperdício de plantas coletadas, na qual os raizeiros colhem apenas o que utilizam e suas revoltas quanto à progressiva diminuição da população dessa classe de vegetais, por alguns motivos como: incêndios florestais, ocupação urbana e outras intervenções decorrentes do uso insustentável dos meios naturais e manejo desordenado da agropecuária, por isso, alguns cultivam em suas casas ou fazem o replantio em meio às matas. Os raizeiros contam que em tempos passados eram mais procurados pelos seus conhecimentos de curar doenças usando as plantas medicinais e que esta procura foi quase nula nos anos 90, porém, nos últimos anos, esta procura está se intensificando cada vez mais. Muitas espécies são usadas em preparações como chás, garrafadas, unguentos, purgantes, emplastros, utilizam flores, frutos, folhas, raízes e tubérculos, uma prática tão antiga quanto os primórdios da história da humanidade.

O levantamento evidencia ainda um conhecimento tradicionalmente antigo e, consultando a Resolução de Diretoria Colegiada (RDC nº 10/2010) da ANVISA, ratificou-se que as plantas nela listadas, indicações e posologia coincidem, deixando notório que os conhecimentos empíricos possuem comprovações científicas importantes. Das 155 espécies identificadas como medicinais no levantamento etnofarmacobotânico, apenas 27 estão registradas na ANVISA, deixando transparecer a falta de investimento na área.

Os resultados também fazem menção às espécies com risco de desaparecer, como é o caso da almacega (*Protium heptaphylum*) presente na lista de espécies ameaçadas de extinção pela legislação brasileira (IN-MMA nº 06/2008), que tem seu caule cortado até o súber para extração da resina, matéria prima na produção do óleo medicinal ou entalhamento da casca para produção de chá, ações que podem matar a árvore com a técnica inadequada. Assim novos trabalhos devem ser elaborados e incentivados para conservação da cultura etnobotânica e das espécies ameaçadas.

5. CONCLUSÕES

A elevada crença, segurança e domínio dos conhecimentos demonstrados pelos raizeiros é o fator motivador que alimenta a fé depositada a eles pela população. A procura pelos remédios caseiros vem aumentando com o passar dos anos e, na contramão disto tudo, é importante salientar a

intervenção antrópica com poucas atividades voltadas a conservação e uso sustentável dos meios naturais estão apoucando este ecossistema de grande valia e neste mesmo viés, também os conhecimentos populares destes seletos e humildes cidadãos que oportunizam uma saúde e um bem-estar à vida de pessoas que, geralmente, são de baixa renda e ainda dão esperança para outros que estavam desistindo de lutar pelo seu bem maior, a vida.

REFERÊNCIAS

AGRA, M. F. **Contribuição ao estudo das plantas medicinais na Paraíba**: Plantas medicinais dos Cariris Velhos. João Pessoa/PB: UFPB, 1994.

ALBUQUERQUE, U. P. de et al. Uso e conservação de plantas e animais medicinais no estado de Pernambuco (Nordeste do Brasil): um estudo de caso. **Interciência**, v. 27, n. 6, 2002.

AMBIÊNCIA, v. 10, n. 1, p. 43-64, 2014.

BRASIL. IN nº 06. **Classifica como espécies vegetais nativas do Brasil ameaçadas de extinção**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2008.

CASTELLUCCI, S.; LIMA, M. I. S.; NORDI, N.; MARQUES, J. G. W. Plantas medicinais relatadas pela comunidade residente na Estação Ecológica de Jataí, município de Luís Antônio/SP: uma abordagem etnobotânica. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v. 3, n. 1, p. 51-60, 2000.

DE LIMA DAVID, J. P.; NASCIMENTO, J. A. P.; DAVID, J. M. Produtos fitoterápicos: uma perspectiva de negócio para a indústria, um campo pouco explorado pelos farmacêuticos. **Infarmácia Ciências Farmacêuticas**, v. 16, n. 9/10, p. 71-76, 2013.

DIEGUES, A. O.; VIANA, V. M. **Comunidades Tradicionais e Manejo dos Recursos Naturais da Mata Atlântica**. São Paulo/SP: NUPAUB-USP, 2000.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Brasília/DF, 2010.

MACEDO, A. F.; OSHIWA, M.; GUARIDO, C. F. Ocorrência do uso de plantas medicinais por moradores de um bairro do município de Marília-SP. **Revista de Ciências Farmacêuticas Básica e Aplicada**, v. 28, n. 1, p. 123-128, 2007.

MAIOLI-AZEVEDO, V.; DA FONSECA-KRUEL, V. S. Plantas medicinais e ritualísticas vendidas em feiras livres no Município do Rio de Janeiro, RJ, Brasil: estudo de caso nas zonas Norte e Sul. **Acta bot. bras.**, v. 21, n. 2, p. 263-275, 2007.

MINAS GERAIS. **Inventário Florestal do Estado de Minas Gerais**. Belo Horizonte/MG: SEMAD, 2010.

MOREIRA, R. D. C. T.; COSTA, L. C. D. B.; COSTA, R. C. S.; ROCHA, E. A. Abordagem etnobotânica acerca do uso de plantas medicinais na Vila Cachoeira, Ilhéus, Bahia, Brasil. **Acta farmacêutica bonaerense**, v. 21, n. 3, p. 205-211, 2002.

Resolução de Diretoria Colegiada nº. 10 - Aprova o regulamento técnico de medicamentos fitoterápicos junto ao SNVS. Brasília: ANVISA, 2010.

ROCHA, J. A.; NEFFA, E.; LEANDRO, L. A contribuição da Etnobotânica na elaboração de políticas públicas em meio ambiente—um desafio na aproximação do discurso à prática.

RODRIGUES, V. E. G.; CARVALHO, D. D. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais no domínio do cerrado na região do Alto Rio Grande—Minas Gerais. **Ciência e Agrotecnologia**, v. 25, n. 1, p. 102-123, 2001.